

CAPOEIRA E COTIDIANO ESCOLAR – O CORPO EM MOVIMENTO E A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA ATRAVÉS DAS NARRATIVAS E SEUS CONTEXTOS

*Washington Adolfo Batista**

RESUMO: Neste trabalho aborda-se brevemente a história da capoeira, assim como a sua prática no Brasil. Além disso, procurou-se falar mais em particular da importância das narrativas, memórias e histórias do mestre de capoeira (oralidade) e a musicalidade que fazem parte desta prática, artes que englobam a arte-capoeira. Buscamos apresentar uma pesquisa onde o leitor consiga visualizar como o trabalho com a capoeira (instrumento que foi escolhido como foco deste trabalho) pode ser rico no contexto escolar. São trabalhados, em forma de revisão bibliográfica, conceitos de Bruner (1997), Lima, Oliveira e Vilela (2013), Certeau (1994) e Abreu (1999). Considera-se que o trabalho atingiu seu principal objetivo: fomentar a discussão entre os conceitos eleitos academicamente e o cotidiano escolar, apontando para as questões da diversidade cultural que influenciam nesta relação, sendo uma delas o que se chama de currículo oculto e que é bem abordado pela capoeira.

PALAVRAS-CHAVE: Capoeira. Cotidiano Escolar. Narrativas. Educação Física.

1. INTRODUÇÃO

A escravidão para os povos de tribos da antiga África era considerada um progresso, pois com a escravidão o senhor dos escravos era o proprietário da vida dos conquistados, tendo o direito de vida e morte do mesmo, segundo

*Oficial Subalterno do Exército Brasileiro. Mestre em Saúde Mental - IPUB/UFRJ, Especialista em Neurociências Aplicadas à Aprendizagem - IPUB/UFRJ, Especialista em Educação e Reeducação Psicomotora - UERJ, Graduado em Pedagogia - UERJ, Graduado em Educação Física - UNIVERSO. Membro do Laboratório de Mapeamento Cerebral e Integração Sensorio Motora - UFRJ.

Gomes Filho (2005, p. 13). Os vencedores das batalhas capturavam os sobreviventes inimigos para serem escravizados. Entretanto, o homem nunca aceitou essa posição e por isso sempre buscou uma maneira de libertar-se. No Brasil o negro trazido de várias regiões da África como escravo buscou formas de libertar-se e, entre os vários métodos utilizados, encontra-se a capoeira. Não se sabe ao certo onde surgiu esta arte e muitas teorias foram levantadas em busca da sua origem devido a certas dificuldades, sendo a maior delas a falta de documentos escritos.

Ainda segundo Gomes Filho (2005, p. 13) de acordo com o contexto histórico no qual a capoeira está inserida as dificuldades para que ocorresse um registro eram enormes e dos poucos registros existentes muitos foram desaparecendo no decorrer dos tempos ou foram destruídos por aqueles que queriam o desaparecimento da capoeira. Os poucos documentos que conseguiram sobreviver estão enfocados em textos escritos, pinturas e principalmente em histórias que são contadas no decorrer de sua existência por aqueles que a praticam há mais tempo. Com relação a este último podemos considerá-lo um meio que não tem muita sustentação pois como já se sabe a história sempre se altera no seu percurso e as pessoas procuram mostrar certas qualidades através de narrativas sobre sua pessoa ou alguém a quem ela admira, e isso faz com que a realidade dos fatos seja alterada, porém não se pode em hipótese alguma desprezar este meio de se adquirir informações sobre a capoeira, o que até hoje foi de fundamental valia. O objetivo deste trabalho é trazer informações sobre o tema “Capoeira” enquanto instrumento da cultura afro-brasileira e sua abordagem em meio ao contexto escolar.

2. A CAPOEIRA E SUA HISTÓRIA EM NOSSA SOCIEDADE: NARRATIVAS E MEMÓRIAS EM DIFERENTES VISÕES.

A discussão sobre seu início, de acordo com alguns autores (SOARES, 1998, p. 20; CAPOEIRA, 2000, p. 16-18) se faz a partir de onde surgiu a capoeira: África ou Brasil. Se a capoeira surgiu na África ou no Brasil ainda é uma incógnita, como nos mostram os estudos Nestor (2000, p. 16) relatando-nos que mesmo as figuras mais representativas da capoeira, como Mestre

Figura 1: Mestre Pastinha e Mestre Bimba



Fonte: <http://www.google.com.br/search>

o Brasil pelos negros escravos. Ainda segundo Nestor (2000, p. 17-21) não existem indícios da prática da capoeira em terras africanas e mesmo que houvesse pouco significaria, pois ainda restaria a dúvida se aquela manifestação seria descendente de uma capoeira africana, ou se teria sido introduzida na África pelos escravos que depois de comprarem sua alforria retornaram ao continente africano, levando consigo práticas e costumes criados e assimilados no Brasil. Sodré (1996, p. 17), comenta que:

A questão do “começo” é um falso problema na capoeira e geral. O importante não é o “começo”, a data histórica não tem tanto interesse assim, mas sim o “princípio”: Quais as condições que a geraram e o que a mantém em expansão. Isto é: O conjunto de condições e circunstâncias históricas e culturais para que aquele jogo tenha se expandido. No caso da capoeira, o “começo” é brasileiro, mas o “princípio” tanto o fundamento, a historicidade, quanto o mito é africano. (SODRÉ, 1996, p. 17)

¹Manoel dos Reis Machado, Mestre fundador da capoeira regional. Destacou-se pelos serviços comunitários e sociais que executou, principalmente com crianças e adolescentes. Instituiu o núcleo de documentação, com mais de 5000 títulos sobre capoeira e assuntos relacionados (BARBOSA, 2009, p.01).

²Vicente Ferreira Pastinha na Capoeira Angola foi o grande ícone do estilo. Este homem que veio ao mundo no ano da proclamação da república brasileira e um ano após a assinatura da Lei Áurea, que oficialmente terminava e proibia o sistema escravocrata. Foi grande defensor da preservação da Capoeira Angola. (<http://www.avebranca.esporteblog.com.br/13193/Mestre-Pastinha>).

Costa (1985, p.10) defende que a capoeira em sua “forma primitiva” chegou ao Brasil com os negros bantos, originários da África Ocidental. Sua fase inicial se deu através de uma espécie “dança ritual”, observando que atualmente na Bahia pode-se verificar ligações da capoeiragem com crença, cerimônias e cânticos feitichistas. Com relação a luta, Costa (1985, p.12) ainda aponta que existe diversidade de opiniões a respeito de seu aparecimento, com a maioria fundamentando-se na origem da palavra “capoeira”, denominação esta que surge pela primeira vez nos escritos da guerra dos palmares (Séc. XVII), e que segundo alguns autores (SOARES, 1998, p. 20; CAPOEIRA, 2000, p. 16-18), “cappoeiras” eram os guerreiros dos “capões”, ou seja, homens que se escondiam nas matas e saíam para enfrentar os capitães-do-mato.

Existem aqueles que defendem o início da capoeira no Brasil com a chegada dos escravos vindos de várias partes ou tribos do continente africano como: Nagôs, Bengüelas, Geixas, Bantos e outros. Essas pessoas que eram trazidas nos navios negreiros ao chegarem no Brasil, eram mescladas entre si no sentido de dificultarem a comunicação entre eles, uma estratégia dos senhores de escravos para que se evitassem movimentos de revolta. Porém vários rituais característicos de cada tribo foram sendo difundidos em grupo.

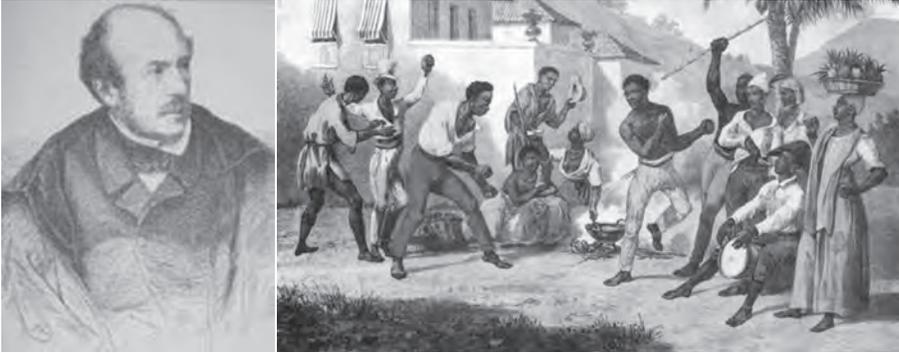
Observamos muito essas práticas retratadas nos trabalhos de Rugendas (1802-1858)³ que pintou obras famosas que retratavam o cotidiano dos escravos (Figura 2). Podemos citar como exemplos deste fato, segundo Soares (1998, p. 22) a luta da bassula (que significa queda) e era a luta praticada na areia pelo antigos pescadores de Luanda. Nela existem vários golpes desequilibrantes, como bandas e balões, mas não há chutes nem cabeçadas.

Outra referência importante é a kamagula, que era disputada dentro de rodas com as pessoas batendo palmas e cantando, porém sem nenhum acompanhamento musical. Há também o omundiú, que é um jogo atlético em que há utilização de movimentos com as pernas.

Destacam-se ainda o n'golo ou kisema – dança da zebra – que é um ritual onde se procura atingir o rosto do oponente com os pés, não havendo

³Johann Moritz Rugendas (1802-1858) foi um pintor alemão que viajou por todo o Brasil durante o período de 1822 a 1825, pintando os povos e costumes que encontrou. Rugendas era o nome que usava para assinar suas obras. Coursou a Academia de Belas-Artes de Munique, especializando-se na arte do desenho. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Johann_Moritz_Rugendas)

Figura 2: Foto de Rugendas e um de seus mais famosos trabalhos - Danse de La Guerre ou Jogar Capüera (1835)



Fonte: <http://www.google.com.br/search?q=fotos+de+rugendas>

golpes desequilibrantes. Existem ainda as danças acrobáticas que são comemorativas. Nelas identificam-se vários saltos, movimentos de cabeça para baixo e de chão, como o “cortar capim”⁴ e “plantar bananeira”⁵. Todos apresentam semelhanças com os movimentos da capoeira. Estes rituais foram sendo usados de forma conjunta, algo que nasceu com a necessidade de liberdade e de se defender do branco opressor, transformando-os no que hoje é conhecido como capoeira. Pode-se entender que isso não tinha acontecido antes principalmente devido a fatores religiosos, geográficos e políticos que eram vertentes distintas entre os povos que aqui estavam, trazidos da África. Assim sendo, a capoeira poderá ser a união de vários rituais vindos da África, e que veio constituir-se no Brasil.

É importante conhecer a história da capoeira, pois ela se mistura com a história do desenvolvimento do Brasil desde a época de colônia até agora. Segundo Freitas (2007):

A capoeira é história, filosofia de vida, sentimento de brasilidade, música, dança, jogo, ritmo, amor, poesia,

⁴Golpe realizado no chão em forma de Negativa em que o indivíduo arrasta a perna para trás, em movimentos circulares contínuos (<http://www.arteculturacapoeira.com.br/dicionariodacapoeira>).

⁵Ou somente Bananeira é uma posição em que se fica de cabeça para baixo com o corpo apoiado pelas mãos e as pernas para cima (<http://www.arteculturacapoeira.com.br/dicionariodacapoeira>).

educação, cultura e é a arte de brincar com nosso próprio corpo no tempo e espaço, não só do ponto de vista da psicomotricidade, mas da contextualização da sua própria identidade histórica. (FREITAS, 2007, p. 18)

Para realmente se ter uma ideia do que a capoeira representa quando é abordada, a escola pode oferecer aos seus alunos a oportunidade de conhecerem movimentos históricos que foram mobilizadores e que despertaram a sociedade em sua época para questões que até hoje são discutidas. Um exemplo claro do que foi citado é o avanço das comunidades carentes no Município do Rio de Janeiro, fato que começou com a eminência da Guerra do Paraguai (1864), onde o Exército Brasileiro não possuía condições de dominar os conflitos. Segundo Soares (1993, p.63) “com seus efetivos dramaticamente reduzidos, foi necessário, antes de partir para a ofensiva, levar a efeito uma feroz campanha de recrutamento em todos os cantos do país para formar os batalhões de voluntários da pátria”. Os negros escravos foram utilizados em larga escala com a promessa de alforria para aqueles que estivessem envolvidos com a guerra, ao voltarem vitoriosos, ainda segundo o autor. Com a chegada destes escravos da Guerra do Paraguai, todos já libertos por direito, a sociedade não os aceita em seu contexto e os força a fazer moradias à margem das cidades. Uma das primeiras comunidades formadas por este grupo de escravos foi o atual Morro da Providência, localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro. Toda essa abordagem histórica pode ser realizada na escola para que os alunos reconheçam as raízes dos problemas sociais. Para Rodrigues et al. (2011):

Através da escola é que o indivíduo pode contemplar os conhecimentos sobre os movimentos historicamente construídos e socialmente transmitidos favorecendo aos alunos seu crescimento pessoal e social por meio de valores e de princípios, pois o espaço pedagógico oferece alternativas práticas que possam inquietar, reavivar as parcerias, despertar para novas ideias e atitudes, daí a importância da Lei 10639/03, que torna obrigatório o ensino sobre a Cultura e História Afro-Brasileira (RODRIGUES ET AL., 2011, p. 02)

Narrativas, Histórias e Memórias: A Musicalidade da capoeira, os conteúdos da escola e o processo Ensino/Aprendizagem.

A narrativa trata das vicissitudes das intenções humanas. E como existe um número infindável de intenções e incontáveis formas pelas quais elas podem entrar em apuros - ou o que parece -, deveria haver incontáveis tipos de histórias. Mas, surpreendentemente, este não parece ser o caso. Uma maneira de ver é a de que as narrativas naturais começam com um estado estável canônico ou “legitimado”, que é rompido, resultando em uma crise, que é solucionada por uma compensação, sendo que a repetição do ciclo é uma possibilidade em aberto (BRUNER, 1997, p. 17).

Dentro de um contexto amplo que envolve diversas metodologias de ensino/aprendizagem, formulados a partir das peculiaridades inerentes de cada grupo e estilo de capoeira, destaca-se a oralidade que é a base de toda a metodologia usada para o ensino da capoeira através do Mestre. Esta forma oral de transmissão de conhecimentos se baseia em suas próprias histórias de vida nas quais, em diversos momentos, narradas com riqueza de detalhes, o mundo e toda a sua malícia são representados por um ritual concreto chamado roda de capoeira. Nela são ensinadas e aprendidas as lições em um processo horizontal que faz lembrar muito uma rede de saberes.

Neste processo horizontal não se identificam nunca um perdedor ou um ganhador fixo, pois esta condição é variável neste local de interações múltiplas. A roda de capoeira da qual me refiro não necessariamente precisa estar representada aqui por um jogo sendo realizado por dois praticantes. Esta roda pode ser apenas uma roda de música, uma roda de maculelê⁶, uma roda de samba duro⁷, uma roda de conversa, enfim, vários tipos de manifestações da oralidade que ocorrem na capoeira.

.....
⁶Dança de forte expressão dramática, destinada a participantes do sexo masculino num primeiro momento da sua criação, que dançam em grupo, batendo as grimas (bastões) ao ritmo dos atabaques e ao som de cânticos em dialetos africanos ou em linguagem popular (<http://www.abadarodos.wordpress.com>).

⁷O samba duro é um estilo musical tradicional afro-brasileiro que só é permitido para homens, onde enquanto estes sambam aplicam rasteiras entre si (<http://www.avebranca.esporteblog.com.br>).

O que se propõe aqui não é uma receita pronta para ser aplicada junto aos alunos na escola, mas sim uma reflexão em torno das possibilidades de serem trabalhados os conteúdos, de forma tal a respeitar a realidade dos alunos e as suas diversas culturas, além de apresentar outra visão da história do negro no Brasil, que em muitas das vezes não é abordada nos livros didáticos. Pensando nisso busca-se aqui algumas manifestações e figuras que são conhecidas pelos alunos: a capoeira, a sua musicalidade e o Mestre de capoeira como difusores desta proposta.

No que se refere especialmente a questão da musicalidade, pode-se pensar neste contexto como um elo entre o jogo da capoeira (movimento corporal) e os ensinamentos do Mestre. Os sujeitos que participam de uma roda de capoeira (cabe destacar aqui que esta roda é um lugar bem heterogêneo), trazem consigo histórias que em muitas das vezes se confundem com a realidade dos outros participantes, criando assim um laço de identidade. Essas histórias são compartilhadas desde o movimento do jogo de capoeira até o ato de cantar as músicas que na roda se entoam.

Pensando desta forma, Lima, Oliveira e Vilela (2013, p. 04) relatam que: “Desse modo, entende-se que os sons que compõe uma música, não são aleatórios, são construídos para expressar os vários sentimentos com os quais o homem convive”. Na maioria das vezes na roda de capoeira essas músicas têm letra e essas letras retratam várias passagens do cotidiano, sejam estas já vividas ou não, o que faz os praticantes se identificarem e refletirem sobre aquela abordagem feita. Sobre isso os autores também citam passagem e deixam bem claro que:

Outro componente que pode ou não existir na música é a letra. A letra carrega consigo uma mensagem de sentido variado (triste, alegre, motivante, relaxante etc) que possui no seu bojo um sentido cultural, pois está ligado ao tempo e ao contexto em que ela foi produzida. A construção melódica e harmônica da música por si só já é capaz de transmitir sentimentos variados como suspense, resolução, força, suavidade etc. A música leva sempre consigo uma mensagem. Por tudo isso, pode-se afirmar que a música influi diretamente no ritmo de

execução do exercício induzindo “visceralmente” o praticante na velocidade (ou cadência) desse. (LIMA, OLIVEIRA E VILELA, 2013, p. 04)

Sendo a escola historicamente um lugar de regras estabelecidas (racionalidades), que mesmo com o passar do tempo e os avanços da humanidade não conseguiu mudar a sua estrutura que lembra no geral o formato do século XVIII, e tendo como base as premissas de Hall (2001, p. 10-20), que indicam a identidade e a diferença como objetos inseparáveis, num mundo contemporâneo que provoca a fragmentação de identidades e a criação de outras de maneira muito rápida, a atuação da oralidade através dos ensinamentos do Mestre provoca ainda grande impacto em grupos de diversas camadas sociais. Por outro lado, como as narrativas, memórias e histórias de um Mestre de Capoeira conseguem agir como táticas para a manifestação do respeito às diversas identidades existentes no âmbito dessa escola?

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de se trabalhar a história africana e afro-brasileira por este viés da capoeira, suas narrativas e musicalidade não se restringe apenas ao Ensino Fundamental. Existem alguns locais onde este tipo de trabalho é feito com crianças da Educação Infantil de uma forma mais lúdica, mas não deixando de lado estes aspectos históricos.

Com relação aos conteúdos de Ensino Fundamental, não há necessidade de se ficar restrito apenas ao trabalho da história da escravidão. Pode-se ver também questões relativas à Guerra do Paraguai, à época da República aqui no Rio de Janeiro e seus conflitos, etc. As crianças costumam gostar deste tipo de abordagem e uma das explicações que encontramos para este tipo de gostar reside no que Certeau (1994, p. 99-102) chamou de “táticas e astúcias no terreno do inimigo”.

Ora, se em um ambiente que é predominantemente letrado, como a escola, o aluno e o professor podem encontrar juntos alternativas para sair de uma rotina estática de ensino/aprendizagem (ou ensino/ensino) a educação ganha com isso. A capoeira consegue este feito, pois como Abreu (1999, p. 35) aponta em seus estudos “ela é feita deste veneno” (táticas e astúcias).

E não só a capoeira vai conseguir este feito como qualquer outra atividade que vá gerar na criança uma associação do saber que traz consigo, fruto do seu cotidiano, com o que a escola tem como conteúdo.

Pode-se assim dizer que este tipo de abordagem tende a gerar motivação para o aluno. Basta que para isso o professor saiba aproveitar as oportunidades que a diversidade cultural pode proporcionar nos processos de ensino e de aprendizagem e não fique limitado apenas aos conteúdos que a Educação Física escolar tradicionalmente trabalha durante as aulas.



REFERÊNCIAS

ABREU, F. J. D. *Bimba é Bamba: A Capoeira no Ringue*. Salvador: Instituto Jair Moura, 1999.

BARBOSA, F.R.M. Mestre Bimba: o fundador e rei da capoeira regional. *Revista digital EFDeportes*, ano 14, n° 133. Buenos Aires, junho de 2009. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd133/mestre-bimba-o-fundador-e-rei-da-capoeira-regional.htm>>. Acesso em: 27 dez. 2018.

BRUNER, J. *Realidade Mental, mundos possíveis*. Editora Artes Médicas, Porto Alegre, 1997.

CERTEAU, M. D. *A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, L.P. *Capoeira: sem Mestre*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.

FREITAS, J.L. de. *Capoeira Infantil – a arte de brincar com o próprio corpo*. 2. ed. Curitiba: Editora Progressiva, 2007. p. 18.

GOMES FILHO, F.A. *A Capoeira e Educação escolar* – de manifestação da cultura a esportivização. Abadá Edições, Fundação Vingt-un Rosado, Coleção Mossoroense, Série C – v. 1476. Mossoró – RN, 2005.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 6 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

JONES, A.; REED, R.; WEYERS, J. *Practical Skills in Biology*. 2nd edition. Longman Scientific and Technical (ed), New York, 1998.

LIMA, P.J.R.A., OLIVEIRA, I.R.S., VILELA, S.H. Influência da Música no treinamento amador de praticantes de Spinning. FIEP Bulletin, v. 83 (2013). Special Edition, Article I. Disponível em: <<http://www.fiepbulletin.net/index.php/fiepbulletin/article/view/2939>>. Acesso em: 27 dez. 2018.

NESTOR, S.P.N. *Capoeira: Os Fundamentos da Malícia*. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

RODRIGUES, E.C. et al. O ensino da capoeira como instrumento de conscientização da cultura afro-brasileira. *Revista digital EFDeportes*, ano 16, n° 159. Buenos Aires, agosto de 2011. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd159/capoeira-como-instrumento-de-conscientizacao.htm>>. Acesso em: 27 dez. 2018.

SOARES, C.E.L. *A negregada Instituição: os Capoeiras na Corte Imperial, 1850-1890*. Rio de Janeiro, Access, 1998.

SODRÉ, M. *Capoeira e Identidade: Esporte com Identidade Cultural*. Org. José Eduardo de Souza e Silva. Brasília: Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto, 1996.